

TRÊS POEMAS

Pedro Port

OLHO LÍRICO

Olho nos olhos
o olho lírico
e interrogio.
Ele me diz
que sou neurótico,
duro duro,
que não vejo
o essencial.
Eu o exorto,
dobro-me em convite
a que compareça
à festa de minha
real dissolução.
Ele: não não, talvez
sob imperativos
de que dê sumiço
ao fotógrafo, nó
górdio nas tripas,
tiro nas estrelas,
que aprenda a enfiar
a cabeça
na agulha do olho
e não desespere.
Como qualquer
costureira
costure o coração
no nervo ótico.

O TÚNEL

no fim do túnel tinha outro túnel
tinha outro túnel que era o mesmo
extraviado país de ninguém
e passa carro passa boi passa pedestre
passa rui passa joaquim passa maria
passa amada e desamada passa tudo
tudo nele passa passa passa
menos o tempo se sobrepassa

no fim do túnel tinha outro túnel
e aquilo não tinha fim de tão frio
de tão feio de tão triste de tão pobre
aquilo não tinha nada
nem entrada nem saída
aquilo não tinha vida

tinha outro túnel no fim do túnel
por mais que andássemos nunca chegamos
nunca saímos do mesmo lugar
e assim foi desde sempre será
até que entre o fim e o será
no fim do túnel do fim do homem
outro homem se cante sem ausência
outro que o mesmo em si mesmo encontra
e por cujo encontrar vale sobreviver

REGISTRO

Hoje me escapaste não sei por que poros
de minha gorada intenção: poesia,
tempo perdido, eis que me desencontro.
Mas tentei, paredes são testemunhas,
o dia todo tentei como Drummond
furar com flor o asfalto.
Acontece que sou supersticioso,
faço este registro para evitar má sorte
e o desperdício da página em branco.